

ELES VIVEM A ROUBAR E M

elementos capturados e desertores das fileiras do inimigo relatam experiências

Recentemente, cerca de meia centena de cidadãos nacionais beneficiaram de medidas de clemência, depois de terem sido incorporados nas fileiras do inimigo que, a soldo do extinto regime ilegal da Rodésia do Sul, praticava crimes contra o Povo e o Estado moçambicanos.

Contam-se entre os beneficiários desta medida indivíduos capturados em combate pelas Forças de Defesa e Segurança, ou quando em missões de reconhecimento de alvos estratégicos, e, ainda cidadãos que conseguiram escapar-se dos refúgios do inimigo e apresentar-se espontaneamente às populações, nas províncias de Manica e Sofala.

O nosso colega «Notícias da Beira» entrevistou alguns desses cidadãos, cuja característica comum é o facto de terem sido inicialmente raptados pelo inimigo em diversos locais e ocasiões. Posteriormente receberam treinos militares e psicológicos ministrados por rodesianos e mercenários estrangeiros.

«Eles vivem sempre assim: a roubar e a matar populações indesejadas. O que acabo de dizer não foi contado por ninguém. Tive a oportunidade de ver e viver tais situações com os meus próprios olhos» — disse Eduardo Manuel Daomé, um dos abrangidos pela medida de clemência. Este fazia parte de um grupo de 60 jovens recém-incorporados nas FPLM e raptados pelo inimigo na zona de Inchope, quando ainda se dirigiam para o Centro de Preparação Político-Militar do Dondo.

AMARRADOS, ESPANCADOS E AMEAÇADOS....

Foi a 9 de Agosto do ano passado. O regime ilegal da Rodésia do

Sul depois de várias agressões contra a RPM, intensificava a infiltração de agentes armados que, em diversos locais, assassinavam elementos da população, raptavam cidadãos, queimavam e destruíam bens do Povo e do Estado moçambicanos.

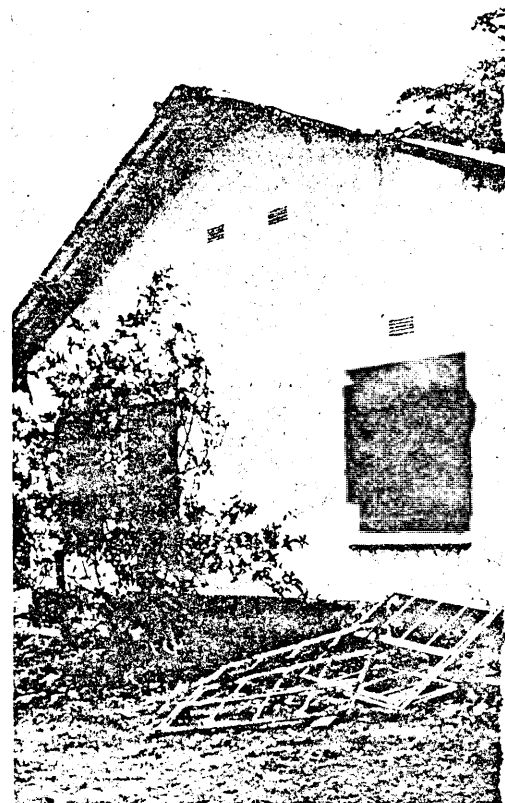
Naquele dia, os jovens que se deslocavam num autocarro da ROMOS, procedente da província de Inhambane, foram surpreendidos por um numeroso grupo inimigo armado de bazookas, morteiros, granadas e outro tipo de arsenal bélico. No autocarro, apenas seguiam dois soldados das FPLM a acompanhar os recrutas, além do motorista e do seu ajudante.

Depois de saquearem e incendiarem o autocarro da ROMOS, tal como acontecera anteriormente a dois camiões da PESCOM e outros veículos civis que naquele dia transitavam por ali com destino ao Maputo, Beira ou Chimoio, os contrarrevolucionários levaram os passageiros para o seu refúgio.

Pelo caminho — conta Eduardo Daomé — fomos amarrados, espancados e ameaçados com as armas,

como forma de nos intimidarem. A primeira coisa que o inimigo fez, quando nos surpreendeu, foi revistar os nossos bolsos. Eles levaram tudo o que trazíamos. O pior deles todos era o seu comandante, um tal Afonso Jacamo. Estou a lembrar-me dum momento em que ele «sacou» da sua pistola para nos intimidar e, insultando-nos, ameaçou de morte quem pretendesse fugir. Em seguida mandou que os seus subordinados nos espancassem».

Proseguindo, o entrevistado afirma:



ATAQUE A POPULAÇÕES INDEFESAS

«Chegámos ao refúgio. Pelo caminho, um dos elementos das FPLM, que connosco viajava no autocarro, conseguiu fugir e avisar as nossas forças no local mais próximo e que atacaram o refúgio inimigo. O ataque, segundo os meus cálculos, durou cerca de três horas. Apertado pelo fogo, o inimigo teve de abandonar o seu refúgio, levando-nos consigo. Não podíamos reagir, sob o risco de sermos mortos. Não havia possibilidades de tentá-lo porque seguíamos em fila indiana e, atrás de cada um de nós havia um inimigo armado e pronto a fazer fogo ao mínimo gesto suspeito.»

TREINO MILITAR E ACÇÃO PSICOLÓGICA NA RODÉSIA

O destino era um centro de treino militar e acção psicológica, lo-



Em cima: Casas da população queimadas por agentes inimigos numa aldeia próximo da Vila da Gorongosa



Combatentes das FPLM entram numa das casas da Estação Pecuária de Moromboze. (Gorongosa) que foi utilizada como refúgio pelo inimigo

calizado em Kembe, no interior da colónia britânica.

«Levámos seis dias até lá, seis dias que jamais esquecerei, pois foram dias de sofrimento, ameaças e pancadaria. Mas quando já estávamos perto da fronteira, mais um dos nossos companheiros conseguiu fugir. Irritado pelo facto, o tal comandante Afonso Jacamo tornou a «sacar» da sua pistola e mandou-nos formar. Disse que nos ia «limpar a todos.»

Os treinos duraram dois meses. Além de preparação militar, os rapta- dos receberam lições de propaganda contra-revolucionária baseada em ataques à linha política do Partido FRELIMO, e à RPM, insultos aos dirigentes do Partido e do Estado, assim como no ódio contra as Lojas do Povo, aldeias comunais, machambas colectivas e outras realizações do povo.

Mais tarde, o grupo foi infiltrado, juntamente com outros agentes do inimigo, em território nacional, com o objectivo de realizar incursões armadas.

A FUGA

Eduardo Daomé continua:

— Já em Moçambique, preparámos a nossa fuga: Combinámos que, mal tivéssemos uma pequena oportunidade, deveríamos fugir. Deveríamos desertar das fileiras do inimigo. Éramos dez elementos, dos que tinham sido raptados aquando do assalto ao autocarro. Entre nós havia dois que não estavam dispostos a abandonar o inimigo. Estes eram os nossos vigias. A esses nada dissemos, para que não nos denunciasses. A denúncia significava a morte.

— Dividiram-nos em dois grupos — um saiu para reconhecer uma certa zona. Neste grupo iam cinco dos nossos. Os restantes também ficaram com outros cinco. Já de noite, um dos elementos do nosso grupo que tinha ficado no refúgio, teve a sorte de fazer de sentinela. Quando o inimigo estava a dormir, ele chegou-se ao pé de cada um dos cinco e deu um suave pontapé. Era o sinal, o momento propício para a fuga.

— Assim, fugimos, éramos quatro. O quinto elemento, comprometido com o inimigo, não foi acordado pela sentinela. Seguir-se-ia a marcha através de rios e florestas desconhecidos, até que alcançámos uma povoação, onde nos apresentámos, já à civil. A população entregou-nos, mais tarde às FPLM.

Soube-se mais tarde que quatro dos que tinham saído em missão de reconhecimento também conseguiram desertar, indo entregar-se posteriormente às Forças de Defesa e Segurança.

Como vivia o inimigo no seu refúgio? Foi a pergunta feita, a dado passo, pelos jornalistas. Eduardo Daomé esclareceu: O inimigo obrigou-nos a carregar sacos de açúcar e de arroz, que tinham sido roubados dos carros que saltaram na estrada. Nós comia-



Cauda de um helicóptero rodésiano abatido há algumas semanas sobre a Província de Manica, quando regressava da área da Gorongosa onde se situava um dos refúgios inimigos

mos papas e eles galinhas e maçarcas que arrancavam à força das armas nas machambas das populações... Eles vivem sempre assim: a roubar e a matar populações indefesas...

TRANSFORMAR ADOLESCENTES EM ASSASSINOS

Duzai David aparenta não ter feito ainda 17 anos de idade. Adolescente, portanto foi um dos moçambicanos raptados por agentes inimigos de uma escola primária localizada na Província de Manica. Data — 26 de Julho de 1979.

— Nesse dia — contou Duzai David aos jornalistas — um grupo

de contra-revolucionários chegou à nossa escola de Cherari. Eles começaram por fazer-nos a seguinte pergunta: «O que preferem? Galinhas pretas ou brancas? Indecisos, respondemos que preferíamos as «galinhas pretas», porque estávamos a pensar que se disséssemos «galinhas brancas», eles haviam-nos de matar. Enganámo-nos, porque, mal dissemos aquilo, abriram as seguranças das suas armas e meteram as balas nas câmaras. Tivemos de rectificar e dissemos que queríamos galinhas brancas. Depois disso, levaram-me, e mais seis alunos para a Rodésia do Sul.

O inimigo quis transformar este jovem, num criminoso. Treinado na Rodésia do Sul, foi novamente



infiltrado em território nacional, sob o comando de um traidor chamado Cozias Chipanga, tendo participado em acções armadas.

eis como ele próprio contou:

«O primeiro ataque foi na zona Chinhamulila, na província de Manica. Estávamos a regressar desse sítio, quando o comandante Cozias, que tinha ficado atrás, começou a disparar contra elementos das Forças Populares. Fugimos e entrámos novamente na Rodésia.

— O segundo ataque foi na zona de Guindingui. Abrimos um buraco no meio da estrada e colocámos uma mina que fez explodir um camião. Nesse ataque houve feridos. Quando o carro explodiu, o comandante Cozias saltou e apa-

nhou os elementos feridos. Nesse dia morreram também três dos nossos.

— O terceiro ataque foi mesmo dentro da Rodésia do Sul, quando nos encontramos com um grupo de guerrilheiros zimbabwuanos. Houve uma forte troca de tiros. Do nosso lado morreram 40 elementos. Do lado dos guerrilheiros zimbabwuanos morreram três elementos.»

Não logrando iludir a vigilância popular Duzai David foi finalmente capturado, em 15 de Novembro último, no posto de contróle de Musica, em Manica, quando se dirigia para a Cidade de Chimoio.

— Tinha perdido a direcção — diz, a este propósito. — A minha missão era fazer o reconhecimento em Chimoio. O comandante Cozias disse-me que devia ser eu a fazer tal trabalho porque era miúdo. As Forças Populares não poderiam desconfiar de mim, porque sou uma criança. Disse-me que se perguntassem nos postos de contróle deveria dizer que sou estudante e que seguia para Chimoio.»

Nhamboca Macorreia Posse, de 19 anos de idade, natural da Gorongosa, forá raptado pelo inimigo quando seguia num camião da firma onde trabalhava — J. Guedes — para o seu local de trabalho.

— Éramos no total oito pessoas no carro — esclarece, acrescentando — um grupo de homens armados veio a correr do mato e mandou parar o carro em que vínhamos. Três deles, que eram «boers» tinham a cara toda pintada com tinta preta. Quem os comandava era o André Massangaíza. Levaram-nos para a montanha.

— Como eu sou um bocado doentio, quis fazer-lhes ver que não podia aguentar a caminhada pelas montanhas. O André insultou-me e perguntou se eu queria ou não ficar para sempre naquele local. Rendi-me e fui até ao seu refúgio.

Segundo revelou, no esconderijo os agentes do inimigo alimentavam

-se de bife enlatado e comida roubada de machambas das populações. Os bifes eram descarregados de aviões rodesianos e lançados em pára-quadras para o local.

Prosseguindo, contou o seguinte episódio: Num dia desses e quando do ataque à Vila da Gorongosa, ouvimos dizer que o André Massangaíza tinha morrido. Fora ferido e quando o levaram já era tarde. Depois da sua morte veio um outro comandante, chamado Afonso, que usa óculos escuros. O adjunto do Massangaíza estava em Inhaminga. Antes da sua morte, o André tinha enviado gente sua para o capturar porque, segundo ele, estava a exagerar nas suas acções. Quando via uma mulher bonita, mandava matar toda a sua família ou o marido, a fim de poder ficar com ela. Levava-a para o mato, fazia dela o que queria e depois mandava matá-la.

Este cidadão desertou das fileiras do inimigo numa noite, fugindo do esconderijo em que se encontrava com agentes do inimigo que se preparavam para cometer agressões armadas na área da Vila da Gorongosa.

Estes são apenas alguns dos exemplos que retirámos das entrevistas feitas pelo «Notícias da Beira». Outros cidadãos abrangidos pela recente medida de clemência testemunharam as práticas que o regime ilegal usava para tentar desestabilizar a RPM, recorrendo a traidores e engrossando as suas fileiras, através do rapto, aliciamento, chantagem e ameaças. Todos eles — capturados pelas Forças de Defesa e Segurança ou apresentados voluntariamente confessaram terem sido bem recebidos e tratados pelas nossas estruturas. O regime ilegal rodesiano — base principal das agressões à RPM — foi finalmente derrotado. Estes cidadãos que desertaram das fileiras do inimigo e que foram abrangidos pela medida de clemência do Partido FRELIMO e do Estado, têm agora a oportunidade para se reintegrarem na sociedade moçambicana, a fim de darem o seu contributo para a reconstrução nacional.